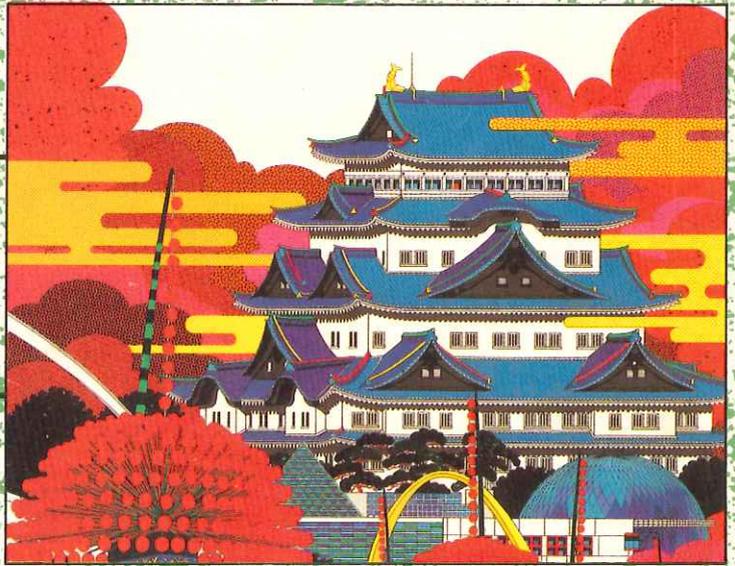




# ESTUDOS ORIENTAIS

V

O ORIENTE, HOJE:  
DO ÍNDICO AO PACÍFICO



INSTITUTO ORIENTAL

Titulo **ESTUDOS ORIENTAIS**  
V. O ORIENTE, HOJE: DO ÍNDICO AO PACÍFICO

Direcção ANTÓNIO AUGUSTO TAVARES

Edição INSTITUTO ORIENTAL / UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
Avenida de Berna, 26-C, 1000 LISBOA

Capa LEONEL MOURA

Depósito legal 81299/94

Composição e Impressão TIPOGRAFIA BARBOSA & XAVIER, LDA.  
Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-C, 4700 BRAGA

Tiragem 1000 exemplares

A publicação deste livro deve-se a um subsídio substancial da Fundação Oriente

A. AUGUSTO TAVARES · J. DE DEUS RAMOS · NARANA COISSORÓ ·  
MARIANA CAIXEIRO · FARANAZ KESHAVJEE · HÉLDER CARITA · ÁLVARO  
GUERRA · ARMANDO MARQUES GUEDES · MARIA ISABEL TOMÁS ·  
BYUNG GOO KANG · APOLINÁRIO GUTERRES · HENRI CAMPAGNOLO  
& MARIA OLÍMPIA LAMEIRAS-CAMPAGNOLO · MÁRIO MURTEIRA ·  
HERMANO CARMO · NÉLSON LOURENÇO · JOÃO DE PINA CABRAL  
· A. DUARTE CARMO · ZANG WEIMIN · NG CHIN-KEONG · GARI NGAI

---

# ESTUDOS ORIENTAIS

V

O ORIENTE, HOJE: DO ÍNDICO AO PACÍFICO

INSTITUTO ORIENTAL

LISBOA · 1994

# ÍNDICE GERAL

A. AUGUSTO TAVARES, Apresentação .....	9
<i>Importância do Tema</i> .....	11
J. DE DEUS RAMOS	

## I

<i>As castas em Goa</i> .....	15
NARANA COISSORÓ	
<i>Novos modelos sócio-culturais</i> .....	25
MARIANA CAIXEIRO	
<i>A representação social da mulher islâmica: permanência de valores e tradições indianas em Portugal</i> .....	43
FARANAZ KESHAVJEE	
<i>Permanência de elementos hindus na arquitectura doméstica indo-portuguesa</i> .....	51
HÉLDER CARITA	
<i>Acção diplomática cultural portuguesa na Índia, na última década ...</i>	57
ÁLVARO GUERRA	

## II

<i>A interpretação dos sonhos entre os negritos Atta do norte de Luzon, Filipinas</i> .....	67
ARMANDO MARQUES GUEDES	
<i>Aculturação — Que peso na origem e extinção de uma língua</i> .....	79
MARIA ISABEL TOMÁS	
<i>Desenvolvimento económico da Coreia nos últimos 30 anos</i> .....	91
BYUNG GOO KANG	

### III

<i>A Identidade Cultural Timorense, desafios de futuro</i> .....	127
APOLINÁRIO GUTERRES	
<i>O «casamento por compra»: reformulação das relações de aliança num modelo identitário em mutação (Timor Oriental)</i> .....	143
HENRI CAMPAGNOLO MARIA OLÍMPIA LAMEIRAS-CAMPAGNOLO	

### IV

<i>Emergência da Ásia no sistema de economia mundial</i> .....	159
MÁRIO MURTEIRA	
<i>Ensino a distância e desenvolvimento sustentado: do Índico ao Pacífico</i> .....	173
HERMANO CARMO	
<i>Globalização e pertinências especiais: Macau e a região do Delta</i> .....	195
NÉLSON LOURENÇO	
<i>A complexidade étnica de Macau</i> .....	209
JOÃO DE PINA CABRAL	
<i>Situação actual da Igreja Católica na Ásia-Pacífico</i> .....	225
ANT. DUARTE CARMO	
<i>Alguns princípios do Taoísmo — Imagens, comparação</i> .....	261
ZANG WEIMIN	
<i>Macau: Portugal's Gateway to China</i> .....	267
NG CHIN-KEONG	
<i>Macau em transição. A preservação da sua identidade para o próximo século</i> .....	289
GARI NGAI	

# GLOBALIZAÇÃO E PERTINÊNCIAS REGIONAIS: MACAU E A REGIÃO DO DELTA

---

por Nelson Lourenço\*

## Introdução

Parece pertinente afirmar que os processos sociais mais marcantes da sociedade moderna se associam intimamente à globalização. O objectivo desta exposição é precisamente a sua análise. Macau e a Ásia do Pacífico foram os objectos privilegiados de estudo para se entender a complexidade das mudanças sociais associadas à modernidade e à sua globalização, considerada como um processo de crescentes interdependências em que a mundialização das economias e dos sistemas culturais são alguns dos traços mais marcantes.

A modernidade é aqui entendida como a sociedade que começa a emergir na Europa nos finais do sec. XVII e cujas influências progressivamente se mundializam. A modernidade é, assim, localizada e relacionada com um contexto geográfico particular e um período histórico determinado. A modernidade é, na sua origem, como Weber intensa e repetidamente afirmou, essencialmente europeia estabelecendo uma relação íntima com o racionalismo ocidental.

---

\* Doutor em Sociologia, Professor Associado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

\*\* Este artigo sintetiza a exposição oral apresentada no Colóquio «O Oriente Hoje — do Índico ao Pacífico». Constituinto uma primeira leitura do tema aplicada ao contexto da Região do Delta do Rio das Pérolas, mantive o tom coloquial e a apresentação algo esquemática da argumentação.

No entanto, uma das consequências do desenvolvimento das sociedades modernas é o da expansão da sua influência para além dos limites da sociedade europeia e ocidental num processo de progressiva dissociação com a sua origem. A uma modernidade *cultural* sobrepõe-se uma modernização *social* que progride de forma auto-suficiente, como afirma Habermas, num movimento de corte das conexões que a ligavam ao contexto histórico do racionalismo europeu.

A modernidade é, hoje, essencialmente globalização, isto é, crescente interdependência da vida social. Modernidade e globalização estão, assim, intimamente associadas a um complexo processo de redefinição dos paradigmas do tempo e do espaço. A globalização não deve, todavia, ser entendida como um simples processo de crescimento da unidade mundial. Pelo contrário, ela é um processo desigual e fragmentado em que a interdependência se define também pelo estabelecimento de relações de dependência, num movimento que Wallerstein expressivamente designou por construção do sistema mundial.

Ao observador e mais do que em qualquer outro lugar, a Ásia do Pacífico surge como o caso paradigmático das noções de globalização e de deslocalização das economias. No entanto, este quadro macrorregional poderá ser apresentado também como paradigma das pertinências regionais em contextos de crescente interdependência e de integração à escala mundial.

Esta exposição foi, organizada em torno de duas ideias: a apresentação da Ásia do Pacífico como paradigma de um processo acelerado de internacionalização e integração das economias num sistema mundial; a região do Delta do Rio das Pérolas como exemplo das pertinências regionais em contextos de globalização. A conjugação destes dois temas serve de pretexto para uma visão prospectiva de Macau.

### **Globalização e pertinências regionais**

Um dos mais destacados fenómenos da cena económica mundial do pós-guerra foi o aparecimento de novos países industrializados no sudoeste asiático. Para além do Japão, merece particular destaque o grupo de países que tem sido jornalisticamente designado por os *quatro pequenos dragões*: a Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Singapura.

Desde que iniciaram um rápido processo de crescimento — no princípio dos anos 60 — estes países adoptaram uma estratégia de penetração aguerrida nos mercados das economias mais desenvolvidas. Em 1989, as

exportações destes quatro pequenos países representavam 8.1% do total das exportações mundiais, com um aumento de cerca de 5 pontos percentuais em menos de dez anos (3.8%, em 1980). Em 1990, metade das exportações de produtos manufacturados provenientes dos países em vias de desenvolvimento eram oriundos dos quatro *pequenos dragões*<sup>1</sup>.

Tendo adoptado, numa primeira fase do seu processo de desenvolvimento económico, uma estratégia proteccionista de substituição de importações, rapidamente a substituíram por uma estratégia de internacionalização das suas economias com um crescimento orientado para a exportação de produtos manufacturados de mão de obra intensiva, essencialmente bens de consumo não duradouro. A composição das exportações tem vindo a alterar-se progressivamente aumentando significativamente o peso de bens de consumo duradouro, produtos intermédios e bens de equipamento, com as exportações para os países da OCDE a serem constituídas, em cerca de metade, por produtos de capital intensivo. O dinamismo desta região é bem visível neste período de recessão: apesar da quebra das taxas de crescimento, de dois dígitos durante décadas, ele é ainda dos mais elevados do mundo (5%-7%, em 1992).

Para a compreensão deste crescimento parece possível avançar com alguns factores determinantes:

- a aplicação de políticas económicas baseadas na liberalização do comércio,
- a promoção de políticas de exportação,
- taxas de câmbio realistas,
- taxas de juro determinadas pelo mercado,
- flexibilização das economias e um sector estatal de tamanho moderado,
- uma política de crescimento industrial pouco preocupada com questões de ordem social, assente em baixas condições de vida para a população trabalhadora, salários baixos, longos dias de trabalho e quase ausência de protecção social e laboral.

Estes seriam, segundo muitos observadores, os factores determinantes do crescimento muito rápido destes países. Este modelo de desenvolvimento permitiu a aplicação dos recursos disponíveis na construção de economias

---

<sup>1</sup> Cf. CNUCED, 1990.

competitivas e rapidamente adaptáveis às transformações dos mercados e da economia mundial.

No entanto, uma leitura mais atenta das dinâmicas de crescimento económico destes países obriga a reter na análise a sua situação particular no quadro da História recente. É, assim, pertinente acrescentar àqueles factores explicativos do dinamismo económico de Hong Kong, Coreia do Sul, Taiwan e Singapura, um outro conjunto de vectores:

- a necessidade de sobreviver a condições circundantes adversas,
- o apoio, particularmente no auge do período da guerra fria, das grandes potências devido à sua situação estratégica no contexto asiático.

A observação do espectacular crescimento das economias da Ásia do Pacífico e do ritmo intenso da mudança social destas sociedades não se deve circunscrever todavia ao Japão e aos quatro pequenos países que se tem vindo a referir. A análise deve reter o contexto mais alargado e geograficamente definido pela Ásia do Pacífico, cujo dinamismo fez deslocar em pouco mais de duas décadas o centro de gravidade da economia mundial.

Este crescimento, feito à custa de uma intensa internacionalização das economias destes países, aparece associado a um movimento de integração e de aproximação macrorregional que não deverá ser interpretado apenas como um intensificar da cooperação económica. As ambições da China e das grandes colónias de *chineses do ultramar*<sup>2</sup> que ocupam uma posição estratégica em toda a região e o reforço das relações do Japão com os restantes países da Ásia do Pacífico, obrigam a uma leitura que ultrapasse o quadro simplificador das relações comerciais de modo a reter as particularidades macrorregionais em que a internacionalização das economias parece ir de par com a formação de um espaço progressivamente mais integrado.

---

<sup>2</sup> *Overseas Chinese*, expressão vulgarmente utilizada para referir os chineses que se estabeleceram noutros países.

## Globalização e *clusters* regionais

Esta Ásia emergente — com um 1 500 milhões de habitantes e um PNB que se estima que deverá rondar o da União Europeia no ano 2 000, aproximando-se rapidamente do dos EUA — pode ser melhor entendida se a considerarmos como um conjunto de dinâmicos agrupamentos regionais, constituindo cada um deles um *clusters*<sup>3</sup> de nações.

Cada um destes *clusters* é constituído por países ou regiões em situação diferente mas caracterizados por níveis elevados de crescimento, por um forte pragmatismo a nível das suas políticas de desenvolvimento económico e por uma ultrapassagem das barreiras ideológicas que parece contribuir para alterar radicalmente o quadro geopolítico macrorregional tradicional.

A composição destes grupos regionais, apresentada no Quadro 1, constitui um primeiro ensaio na formação destes *clusters*. No entanto, se alguns deles têm uma carácter ainda essencialmente prospectivo, é o caso da Grande Coreia e da Indochina, os restantes são quadros regionais definidos a partir de uma rede apertada de relações económicas.

A importância de cada um destes *clusters* no contexto macrorregional da Ásia do Pacífico é naturalmente diferente. O Japão é uma superpotência económica que rivaliza com os EUA. O seu protagonismo crescente na cena internacional tem sido acompanhado de um aumento da sua participação no comércio e no investimento directo nos países da região, contribuindo activamente para a industrialização e integração da economia regional. Desde 1990 que o Japão é o maior investidor na Ásia, ultrapassando inclusivamente os investimentos dos EUA na Coreia do Sul e em Taiwan. Segundo muitos observadores, o crescimento económico do Japão é cada vez mais dependente dos seus parceiros asiáticos que são já, aliás, o seu maior mercado de exportação<sup>4</sup>.

A República Popular da China é o país mais povoado do mundo e a abertura da sua economia reforça o seu papel quer na economia mundial quer na economia regional e tem contribuído, apesar dos incidentes conhecidos, para a redução das tensões regionais. Entre 1970 e o início da década de 90, as exportações da China para os restantes países da Ásia do Pacífico aumentaram cerca de 20 vezes enquanto as importações cresciam cerca de 50 vezes. Deste modo, a China funciona como um mercado em rápida

---

<sup>3</sup> Sobre a noção de *cluster* vide, R. Comarck (1971).

<sup>4</sup> Cf. PARK (1990).

expansão e aberto aos países vizinhos, o que reforça a sua ambição de assumir um papel predominante neste contexto macrorregional.

O seu peso demográfico e a sua dimensão geo-económica justificam a sua distribuição por vários *clusters*, entre os quais assume um papel significativo, pelo seu peso económico actual, o que se designou por Grande China.

O conjunto formado por Hong Kong, Coreia do Sul, Singapura e Taiwan é hoje o segundo maior bloco económico da região e o maior centro industrial da Ásia depois do Japão. No entanto, estes países participam em subsistemas regionais diversos em que Hong Kong e Singapura funcionam como centros motores. A abertura da China e a passagem de Hong Kong, em 1997, para a administração chinesa vem aliás acentuando estas diferenças.

O *cluster* designado por a Grande China cobre um vasto e rico território que combina o potencial tecnológico e financeiro de Taiwan, o conhecimento e penetração nos mercados internacionais de Hong Kong e a vastidão de terra, mão de obra e ambição dos chineses do sul. A China será aliás o principal beneficiário dos investimentos realizados em Hong Kong e Taiwan — e em Macau! — aproveitando ainda as transferências de tecnologia destas economias avançadas.

As relações económicas com Taiwan eram já intensas no início da década de 90 apesar de quarenta anos de hostilidade entre os dois países. As relações entre a terra, a mão de obra e os recursos naturais da China Popular ao capital e à tecnologia de Taiwan são intensos na Província de Fujian mas não se limitam às zonas costeiras. Em 1992, calculava-se em cerca de 4 000 o número de empresas de Taiwan a operar na China enquanto os investimentos, entre 1986 e 1991, eram estimados em 3 000 milhões de dólares.

Apesar das restrições ainda existentes, o comércio entre os dois países tem aumentado a um ritmo intenso: tendo Hong Kong por intermediário, as transações comerciais entre a China continental e Taiwan ascenderam a 8 000 milhões de dólares, em 1992, aos quais se devem acrescentar cerca de 2 000 milhões por intermediação de outros países. Sobre Hong Kong se voltará a falar no ponto seguinte, dedicado à Região do Delta.

QUADRO 1

ÁSIA DO PACÍFICO E *CLUSTERS* REGIONAS

- GRANDE CHINA  
Taiwan, Hong Kong, Guandong (Província de Cantão, particularmente a parte sudoeste), as Províncias de Fujian e Macau.
- GRANDE COREIA  
Coreia do Norte, Coreia do Sul, norte da China, e regiões orientais fronteiriças da Rússia.
- INDOCHINA  
Tailândia, Vietname, Cambodja e sudoeste da China.
- SINGAPURA  
Singapura, Federação da Malásia e, parcialmente, a Indonésia (ilha de Samatra).
- JAPÃO

A Indonésia, Malásia, Filipinas, Tailândia, Singapura e o Brunei formam a Associação de Nações do Sudeste Asiático, um conjunto de países muito diferenciado nas suas economias que desencadearam um processo mais recente de exportações com base em mão de obra intensiva e o aproveitamento de reservas muito ricas de recursos naturais. Neste *cluster* é Singapura que funciona como centro dinamizador. Predominantemente chinesa, a sua classe empresarial desempenha um papel decisivo forjando alianças com a Malásia e a Indonésia (ilha de Samatra) com o objectivo de associar os capitais de Singapura à mão de obra e aos recursos naturais disponíveis nos outros dois países.

**Macau e a Região do Delta do Rio das Pérolas**

O Delta do Rio das Pérolas delimita uma vasta região cuja triangulação é definida por Cantão, Hong Kong e Macau e que pode ser entendida como um quadro regional de forte integração no contexto mais alargado do *cluster* que se designou por Grande China. Esta região associa a Província de Cantão, com os seus mais de 60 milhões de habitantes, ao potencial

financeiro e comercial de Hong Kong. Esta cidade-estado ou *global city*, na designação de Ezra Vogel (1989), tem um papel decisivo enquanto motor da economia e modernização da região do Delta estendendo a sua influência a toda a Ásia do Pacífico.

A herança colonial inglesa deu aos chineses de Hong Kong vantagens comparativas relativamente a outros países asiáticos como o Japão, Taiwan e a Coreia. Um bom sistema escolar, facilidade no uso do inglês e acesso ao mundo do comércio ocidental foram os instrumentos essenciais na internacionalização da sua economia. Hong Kong cedo se tornou numa cidade atractiva ao comércio e sede regional de muitas empresas internacionais. O desenvolvimento das redes de transporte aéreo e de telecomunicações reforçou a sua rede de contactos e de influência junto das comunidades de *chineses do ultramar* e das suas elites financeiras espalhadas por Singapura, Tailândia, Indonésia, Malásia e Filipinas.

Apesar do seu crescimento industrial, comparativamente à Coreia e a Taiwan as suas vantagens não se situam na eficiência ou elevada produtividade industrial. O talento especial de Hong Kong, como diz Vogel, situa-se no comércio, no *marketing*, na triangulação de negócios e, particular vantagem na sociedade global actual, na capacidade de identificar e de aceder aos recursos. Cidade de comércio, Hong Kong funciona como uma plataforma comercial e financeira vital aos interesses da China e como motor do desenvolvimento e modernização da Região do Delta.

Como se afirmou no início desta exposição, interessava-nos estudar como a formação de identidades regionais era compatível com processos de globalização e internacionalização das economias. Nas páginas anteriores mostrou-se como a internacionalização das economias dos países da Ásia do Pacífico era compatível com o reforço da integração macrorregional e mesmo com o surgimento de enquadramentos regionais de menor dimensão. Neste ponto, pretende-se fornecer uma primeira leitura da formação de um desses enquadramentos, a Região do Delta do Rio das Pérolas, como exemplo das pertinências regionais em contextos de globalização e como pretexto para uma visão prospectiva de Macau.

Tomando como referência os últimos 25 anos, considerados marcantes para a construção do futuro de Macau e da Região, elaborou-se uma sequência cronológica dos acontecimentos ou episódios considerados como pontos nodais deste processo recente. A leitura destes episódios fornece uma grelha compreensiva das dinâmicas sociais e facilita a análise multi-dimensional do processo de integração regional. A metodologia seguida inspira-se na proposta de análise da mudança social formulada por Anthony Giddens (1987), no quadro da sua teoria da estruturação social, segundo

a qual toda a vida social tem um carácter episódico, ou seja, pode ser concebida como uma série de episódios que formam uma sequência particular da qual se pode estabelecer o princípio e o fim. Para facilidade de exposição apresenta-se no Quadro 2 a cronologia dos episódios acompanhada da sua leitura global.

QUADRO 2

**CRONOLOGIA DOS EPISÓDIOS**

- 1969 — Conflito de fronteira entre a China e a URSS.
- 1970 — Maior abertura da China ao exterior.
- 1971 — Henri Kissinger visita a China (acompanhado de uma equipa de ping-pong!)
- 1972 — Richard Nixon visita a China  
— Kakuei Tanaka, primeiro-ministro do Japão visita a China
- 1976 — Morre Mao Zedong
- 1978 — Anúncio da abertura da China ao comércio internacional
- 1980 — Criação das Zonas Económicas Especiais  
— Emissão da televisão de Hong Kong para Cantão
- 1982 — Reconhecimento de que a soberania sobre Hong Kong reverterá para a China em 1997
- 1987 — Declaração Conjunta Luso-Chinesa — reconhecimento de que a administração portuguesa em Macau cessará em 1999  
— No 30º Congresso, o PCP reafirma o apoio às reformas económicas.
- 1988 — A RPC conclui a estrada que liga Macau a Cantão
- 1989 — Hong Kong deixa de beneficiar do estatuto de nação favorecida no quadro do acordo multifibras
- 1992 — Integração progressiva das economias a nível da Região  
— Proposta de criação de um PIB da Região do Delta, como indicador mais adequado das economias de Hong Kong, Cantão e Macau

A abertura da China ao Ocidente, em 1970, na sequência do corte de relações com a então URSS e a morte de Mao Zedong, em 1976, constituem os dois marcos essenciais no início do grande desenvolvimento da região. Em 1978, as autoridades chinesas anunciam um processo de reformas económicas e a abertura do país ao comércio internacional, abandonando progressivamente um modelo de desenvolvimento centrado na autarcia e na substituição de importações. Será no Sul do país e em particular na Província de Cantão, que este movimento de grandes reformas se fará sentir.

Em Agosto de 1980, foram criadas as três primeiras Zonas Económicas Especiais (ZEE) cujos objectivos se enquadram no processo de reformas que acompanha a sua abertura ao comércio internacional:

- alcançar benefício económicos significativos instalando empresas vocacionadas para a exportação e favorecer a entrada de divisas e de capitais estrangeiros
- funcionarem como pontes para a entrada na RPC de novas tecnologias e tipos de gestão
- funcionarem como centros de *experimentação* e de *educação* em que os quadros da RPC se formam no contacto com as economias capitalistas.

As Zonas Económicas Especiais<sup>5</sup> foram instaladas nas zonas fronteiriças de Hong Kong, Taiwan e Macau visando beneficiar do desenvolvimento destes territórios bem como atrair o investimento das comunidades de *chineses ultramarinos* predominantemente originários da Província de Cantão. Em 1984, as autoridades chinesas declaravam catorze cidades abertas ao investimento estrangeiro directo e à entrada de tecnologia, facilitavam a criação de sociedades mistas e autorizavam a constituição de empresas com autonomia de gestão — podendo ser criadas por departamentos públicos não vinculados ao comércio externo ou por governos provinciais — que vêm assumindo um papel central no comércio externo<sup>6</sup>.

Quando, em 1978, as autoridades chinesas anunciam a abertura do país ao comércio internacional já Hong Kong desempenhava um papel importante no comércio internacional. Em 1950, na altura em que perdia o seu *hinterland*, Hong Kong ganhava dois trunfos para o seu desenvolvimento futuro. Muitos dos grandes industriais de Shanghai, o grande centro industrial da China do período anterior à II Guerra Mundial, fogem do regime comunista e instalam-se no território, estando na origem da primeira fase de industrialização, particularmente assente nos têxteis. Para a elite dos negócios, os anos 50 marcam a necessidade de procurar no comércio externo uma saída ao desenvolvimento de um cidade-estado sem *hinterland*.

No pós II Guerra Mundial, Hong Kong conhece, primeiro, uma industrialização centrada nos têxteis e na indústria de produtos de consumo não

---

<sup>5</sup> As primeiras ZEE foram Shenzhen, Zhuhai e Shantou e, mais tarde, Xiamen, na Província de Fujian. Em 1988, foi criada a ZEE da ilha de Hainan.

<sup>6</sup> Cf. T. M. H. Chan (1987).

duradouro, introduzida pelos japoneses no início dos anos 50, baseada em mão de obra intensiva. A partir dos anos 60, passa de uma industrialização assente na pequena electrónica para uma indústria mais exigente em tecnologia e conhecimento dos mercados estrangeiros. Em 1980, 150 bancos estrangeiros têm escritórios em Hong Kong e assiste-se a uma importante transformação do seu tecido empresarial com um número crescente de empresas a serem dominadas por capital chinês.

O desenvolvimento de Hong Kong favorece o seu papel estruturador da economia Região. A sua influência sobre Cantão e Macau é enorme, quer do ponto de vista económico quer social. A sua televisão de alcance regional é um importante difusor de um modelo de sociedade próspero e moderno e devido ao turismo ou a relações familiares os contactos entre os dois territórios é frequente e intenso. A melhoria das ligações rodo-ferroviárias coloca Hong Kong a escassas 3 horas de Cantão, com comboios *non-stop* e a cerca de 50 minutos de Macau. Em 1992, na Província de Cantão, três milhões de operários trabalhavam em 25 mil fábricas, propriedade de empresas de Hong Kong<sup>7</sup>. No entanto, é de referir que o investimento da China Popular tem vindo a aumentar substancialmente nos últimos anos. Este facto, que reforça a tese da integração das economias neste contexto regional é também lido por muitos observadores como um esforço de tranquilização, por parte das autoridades chinesas, de que a economia de mercado prevalecerá para além de 1997.

Nestes últimos 25 anos, Macau vive um período de profundas transformações no seu tecido social e na estrutura da sua economia. Estas mudanças são essencialmente o resultado da sua maior integração na área de influência de Hong Kong acompanhada, mais recentemente, de um aumento das relações económicas e comerciais no contexto mais alargado da Região do Delta. A sua insularidade diminui aumentando a sua proximidade com Hong Kong e Cantão. A introdução dos *jetfoil* reduziu o tempo de viagem para Hong Kong de 4 horas para apenas 50 minutos, enquanto a construção de uma nova estrada reduzia o tempo de viagem para Cantão de um dia inteiro, num percurso que obrigava várias travessias de barco, para 3 a 4 horas. As alterações na regulamentação do regime de concessão do jogo, iniciadas ainda nos anos 60 e sujeitas a posteriores revisões, dotam a Administração do Território de verbas suficientes para se abalançar na construção de infraestruturas básicas como as telecomunicações, a electri-

---

<sup>7</sup> Cf. *Fortune*, 5.Out.1992, número temático «Asia — 2000».

cidade, a água, o saneamento básico e, mais recentemente, em grandes investimentos dirigidos para o exterior como o aeroporto e o porto de águas profundas.

O crescimento da economia de Macau é, contudo, essencialmente induzido do exterior. Os *jetfoil* permitiram o aumento e modernização do seu turismo, assente na exploração do jogo proibido em Hong Kong. A sua industrialização na década de 70 é resultante de efeitos de arrastamento do crescimento económico da colónia inglesa e das dificuldades dos empresários de Hong Kong em escoar os seus produtos nos mercados europeu e dos EUA, particularmente os têxteis e confecções, sujeitos a quotas de exportação atribuídas aos países de origem. Para facilitar esta nova fase da sua economia o Território oferecia: mão de obra barata, um sistema económico aberto e «liberal», um baixo nível de fiscalidade e uma regulamentação administrativa não muito pesada.

Na década de 80, assiste-se a uma maior diversificação do seu sector industrial e, acompanhando o movimento, progressiva abertura da China, à deslocalização das empresas assentes em mão de obra intensiva para as zonas fronteiriças. Semelhante ao referido para Hong Kong, este movimento das empresas deve-se á procura de mão de obra mais barata mas, simultaneamente, contribui para intensificar as relações entre as economias da Região do Delta e aumentar a sua integração. Os condicionamentos impostos ao mercado internacional, levam a que a fabricação dos produtos possa ser submetida a processamentos parciais numa região e exportada a partir de outra que esteja em melhor situação de disponibilidade de contingentes de exportação. Para muitos observadores, a integração económica actual da Região do Delta do Rio das Pérolas, justifica a construção de um PIB regional como indicador mais adequado das economias de Hong Kong, Cantão e Macau.

## Conclusão

Em *The Consequences of Modernity*, Anthony Giddens (1990: 64) define globalização como «the intensification of worldwide social relations wich link distant localities in such away that local happenings are shaped by events occurring many miles away and vice versa». No início desta exposição referiu-se que, embora se considerasse a globalização como estando intimamente associada aos processos sociais mais marcantes da sociedade moderna, ela não era incompatível com a formação e consolidação de quadros regionais.

Ásia do Pacífico, caso paradigmático das noções de globalização e de deslocalização das economias, é também paradigma das pertinências regionais em contextos de crescente interdependência e de integração à escala mundial, como se pretendeu mostrar. A observação centrou-se na interacção das economias nacionais e na sua integração em quadros regionais e macrorregional, num contexto global de intensa internacionalização da vida económica. No *case study* da Região do Delta não houve ocasião de desenvolver as potencialidades de análise multidimensional do processo de integração regional que a teoria da estruturação social faculta ao investigador. A exigência de um maior aprofundamento na construção dos episódios e na definição de relações intersocietais mais alargadas, inviabilizou essa intenção em termos da sua integração neste estudo.

Neste final de século, a Ásia do Pacífico e particularmente a região do Delta viverá dois episódios significativos: a passagem de Hong Kong em 1997, e de Macau, em 1999, para a plena soberania da República Popular da China. As análises prospectivas do futuro desta região têm-se multiplicado, dada a importância destes acontecimentos no contexto macrorregional e internacional. A governação daqueles dois territórios indicará o futuro de Taiwan e certamente como irá prosseguir a política de abertura da China. Deng Xiaoping tem insistido que o sul da China é o modelo económico para o resto do país, utilizando o *slogan*, politicamente correcto no contexto chinês: «socialismo com características chinesas».

No próximo século, a Ásia do Pacífico será certamente cenário de novas correlações de força. Para muitos autores, a expansão e a dinâmica regional de crescimento japonês tem-se processado em cadeia: Japão, novos países industrializados (Hong Kong, Coreia do Sul, Taiwan e Singapura), países da ASEAN (com excepção de Singapura) e China (faixa costeira). Reconhece-se, assim, o Japão como impulsionador das economias da região, possibilitando o acesso ao seu mercado e actuando como grande investidor e transmissor de tecnologia. Este novo papel do Japão como economia dominante e motor da expansão macrorregional tem levado alguns observadores a colocar a questão da eventualidade de se criar um espaço de integração económica na Ásia do Pacífico em que aquele país funcionasse como economia central.

Neste cenário, qual será o papel da China e da sua ambição de potência regional e mundial? Mesmo que as políticas de liberalização e abertura se limitassem à faixa costeira do Pacífico, dentro do modelo «um país dois sistemas», a China contaria com uma região que em população e área é maior do que o Japão e os quatro *pequenos dragões*.

## BIBLIOGRAFIA

- BUN, Chan Kwok, Claire CHIANG (1994), *Stepping out. The Making of Chinese Entrepreneurs*, Singapore, Prentice Hall.
- CÉSAR, Gabriela (1993), «Macau e o processo de integração económica do Delta do Rio das Pérolas», *ADMINISTRAÇÃO. Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 21, vol. VI.
- CHAN, T. M. H. (1987), «Reform in China's Foreign Trade System», in J. C. H. Chai and C. K. Leung (eds.), *China's Economic Reforms*, Hong Kong, Centre of Asian Studies, University of Hong Kong.
- CNUCED (1990), *Manuel de Statistiques du Commerce International et du Développement*, New York, ONU.
- COMARCK, R. (1971), «A Review of Classification», *Journal of the Royal Statistical Society*, n.º 134.
- GIDDENS, Anthony (1987), *La constitution de la Société*, Paris, PUF.
- GIDDENS, Anthony (1990), *The Consequences of Modernity*, Stanford University Press.
- HOOLBROOKE, Richard *et al.* (1988), *The Evolution of the East Asia Rim of the Pacific*, Report for the Trilateral Commission, Brussels.
- INFORMACIÓN COMERCIAL ESPAÑOLA (1990), *NIC'S — Cambio estructural en el Pacífico Asiático*, Madrid, Ministério de Economía y Hacienda, Abril.
- PARK, Yung Chul (1989), «The Little Dragons and Structural Change in Pacific Asia», *The World Economy*, vol. 12, n.º 2/June.
- VOGEL, Ezra (1989), *One step ahead. Guandong under reform*, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press.